

DIFERENÇA E CONTINUIDADE NA POLÍTICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA COZINHA E DA COMIDA NO QUILOMBO DO PRATIGI (BA)

Fábio Júnior da Luz Barros¹

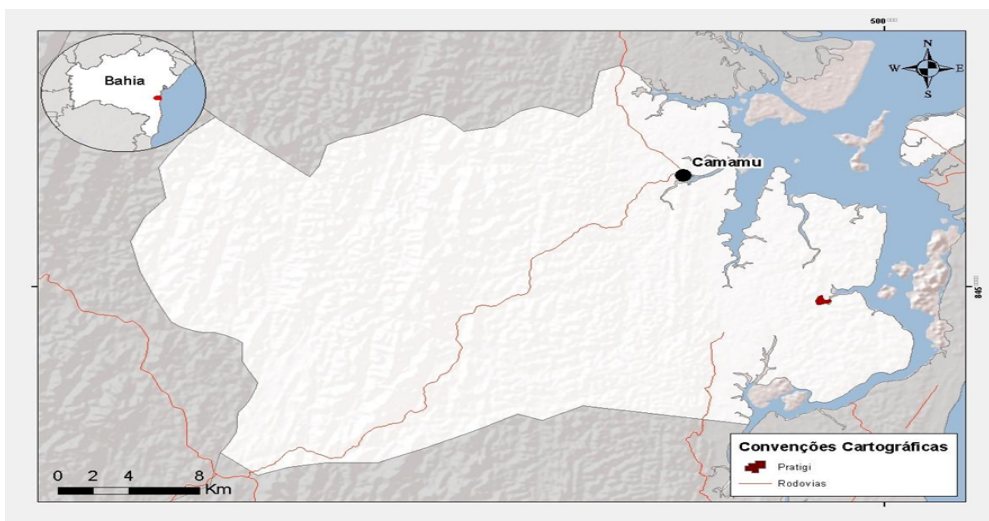
Resumo: O presente texto propõe estudar o *fazer política* no âmbito da cozinha na comunidade quilombola do Pratigi (BA). O objetivo é buscar entender as diferenças e continuidades no *fazer política* através da cozinha e da comida, comparando as décadas de 2000 e 2020. A escrita deste trabalho foi baseada na etnografia feita entre os anos de 2019 a 2020 para composição da minha dissertação, e em minhas próprias memórias a respeito do *fazer política* no quilombo. Sendo assim, procuro mostrar as diferenças e continuidades através de uma pesquisa etnográfica de cunho qualitativo no qual estive em campo observando, coletando dados e consultando as histórias presentes na minha memória. Por esse viés, vi que tanto os homens quanto as mulheres *fazem política*, e essa prática, a meu ver, acaba por defender as terras e o território do Pratigi.

Palavras - chave: Quilombo, Camamu, Pratigi, cozinha.

INTRODUÇÃO

Antes de entrar nos estudos, propriamente dito, farei uma breve descrição geográfica e da infraestrutura da comunidade quilombola do Pratigi, lócus da presente pesquisa. O Pratigi está localizado no município de Camamu, Baixo Sul da Bahia (ver mapa 1), tendo, mais ou menos, 200 moradores, quatro núcleos territoriais, fica em torno de 28 quilômetros de distância da sede municipal, a comunidade pode ser acessada por via terrestre ou pelo meio náutico, em termos de infraestrutura lá se encontra uma escola, um posto de saúde, uma igreja católica, energia elétrica, água encanada, coleta de lixo e as casas são todas de cimento e concreto.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Estado e Sociedade – PPGES da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), mestre pelo mesmo programa; Especialista em Ensino Fundamental II e Ensino Médio; Bacharel em Geografia pela UESC, licenciado em Geografia pela - UNOPAR. E-mail: fabiodebarros02@hotmail.com



Mapa 1- Localização da Comunidade quilombola do Pratigi.

Fonte: Barros (2021)

A natureza da narrativa e da memória nesse trabalho o torna particular, porque aqui trago minhas experiências vividas enquanto nativo do Pratigi (BA), isso traz implicações quando o pesquisador é nativo, visto que, alguns acadêmicos insistem em privilegiar textos de cunho racionalista/cartesiano, com o objetivo de direcionar, epistemologicamente, as pesquisas. Observo, porém, que a presente escrita segue as ideias pós-modernas, que para (Santos, 2008), embora com ressalvas, diz ter o objetivo de desconstruir as ideias dominantes e suas hierarquias na ciência, promovendo um olhar crítico e reflexivo sobre a realidade.

Na antropologia, com base nas ideias pós-modernas, Clifford Geertz (1981) pontuou que é necessário os pesquisadores vivenciarem a cultura para uma antropologia significativamente verdadeira, e assim, entender a complexidade das culturas. James Clifford (2011) seguindo as mesmas ideias, assinalou que a compreensão verdadeira de uma determinada cultura só seria possível com a participação ativa e respeitosa dos membros do grupo. Seguindo Todorov (2006), nesse texto, procuro estar consciente e circunscrever minhas subjetividades e levá-las em conta no interior da teoria. Pois, é necessário haver outras formas de narrar as memórias com base no pensamento nativo, baseada na cientificidade de novas epistemologias, isso literalmente, “permite trazer para a pesquisa fenômenos que são novos” (Squire,2014, p.277), baseado na vivência e

experiências de quem é e *dentro*² da comunidade ou grupo. *Dentro* aqui, se configura o que e quem é nativo de certo grupo ou comunidade.

A partir desses pontos, decidi adotar um método reflexivo e coloquial, me utilizando de narrativa fluida sem muitas teorizações, valendo sempre que cabível de minha própria experiência, mas recorrendo a teóricos que se dedicam aos estudos a respeito da memória. Nesse texto faço uma reflexão sobre a memória do povo do Pratigi, que Halbwach (2003) chama de memória coletiva. A saber, antes de Maurice Halbwach, a memória, conforme Marcelo Mello (2012), era vista como estática no espírito, ponto que o autor se opôs, afirmando que ela é coletiva, isso levou um grande avanço para as ciências humanas, porque ele provou que a memória não são acontecimentos fiéis do passado, ela na verdade, está mediada pelos interesses do presente, desse modo, Halbwach (2003) afirma que a memória sobretudo tem uma dimensão histórica e social.

Com base nas ideias acima, essa pesquisa, a meu ver, configura-se como um estudo sobre o que chamarei de memória sócio geracional de um quilombo, pois busco explicar a relação entre a cozinha, a comida e o *fazer política* no Pratigi, que a meu ver, têm fortes ligações com a memória coletiva desse povo, pois a memória, pelo viés de Verán (1999) e Novaes (2023), são narrativas acionadas que surtem certos efeitos no presente. Memória socio geracional, porque esse *fazer política* no quilombo se faz por meio da perpetuação da memória coletiva, e essa continuidade ao *fazer política* se conserva de geração a geração. A pergunta é, porque essas memórias se prolongam tanto?

De acordo com Fanon (xxx) o trauma dos afro-diaspóricos tem suas raízes, sobretudo, na colonização e escravidão imposta pelos Europeus colonizadores e escravizadores. Isso, a meu ver, força os quilombolas perpetuam vivamente as memórias de luta para combater os sistemas racista/nazista, o qual ainda está em movimento no Brasil, a saber, entre 2018 a 2023 morreram violentamente 39 líderes e integrantes quilombolas³, que lutavam pelas suas terras e território. Logo, todas as relações feitas no quilombo são constituidoras de resistência.

2 Neste artigo, toda palavra, expressão e frase em itálico indicam formulações próprias dos sujeitos da pesquisa, e isso, ajuda a entender como eles refletem o assunto aqui tratado.

3 Ver em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/17/media-anual-de-assassinatos-de-quilombolas-entre-2018-e-2022-e-quase-o-dobro-dos-10-anos->

As categorias - cozinha e comida-, de certo modo, definem o *fazer política* no Pratigi, e são acionadas, sobretudo pela memória sócio geracional. É de praxe no Pratigi, desde de sua fundação, eles oferecerem a cozinha e determinadas comidas a políticos e lideranças locais (Barros,2021), visto que eles sabem o quanto o poder público pode ser letal contra a sobrevivência dos negros em suas terras. Logo, as alianças são de extrema importância, e um dos meios para *fazer política*⁴ no Pratigi é através da cozinha e da comida.

Partindo do exposto acima, o objetivo deste trabalho se atém a analisar como o modo de *fazer política* através da comida e na cozinha adquiriram particularidades diferentes na comunidade quilombola do Pratigi, entre os anos de 2000 a 2020, buscando observar, ao mesmo tempo, algumas continuidades. A presente pesquisa teve como base a retomada das minhas memórias sobre o modo de *fazer política* no Pratigi, entre os anos de 2000 a 2020, período em que, a meu ver, ocorreu “uma diferença” ou uma certa “continuidade” com relação ao modo de *fazer política* no Pratigi.

Para a discussão, narrarei dois fatos e experiências antropológicas pela perspectiva de um olhar nativo, mas ao mesmo tempo treinado nas ciências humanas e na leitura antropológica. A primeira com relação ao meu pai nos anos 2000, quando ele era um trabalhador rural, pescador e, sua esposa, minha mãe, Maria Raimunda, dona de casa e trabalhadora rural, ambos, nessa época eram apoiadores de Zequinha da Mata do Partido Progressista (PP). Zequinha foi uma grande liderança política entre os anos de 2000 a 2010 em Camamu-BA. A família dele pertencia a classe média da sede camamuense. Pai produtor rural e a mãe professora municipal.

O segundo caso, se passa na década de 2010 a 2020, e está relacionado a Valnei, homem de uns 50 anos, primo do meu pai, que hoje é casado com Mirian, nativa de uma comunidade próxima. Valnei se coligou à candidata a prefeita Ioná Queiroz do Partido dos Trabalhadores (PT). Nesse ínterim, ele se colocou como cabo eleitoral da candidata no Pratigi. Vale lembrar que na década de 2000 a sua mãe, Valentina Barros, também

[anteriores#:~:text=A%20morte%20dela%20n%C3%A3o%20est%C3%A1,de%20quilombolas%2C%20segundo%20dados%20preliminares.](#) Acessado em: 24/04/2024.

4 Essa população não faz essa política intencionalmente com o propósito de defender as terras e território, pois, um dos objetivos da política é a busca, sobretudo, por privilégio e respeito, mas por esse meio, consequentemente eles defendem as terras e o território. Até o momento, no Pratigi, essa estratégia tem dado certo.

apoiava Zequinha da Mata. E sempre ocorriam e ocorrem convites para comer nas casas após as festividades, principalmente a missa.

Na época do meu pai não existia a função de cabo eleitoral, mas sim, uma relação de confiança familiar entre político e chefe de família. Esse processo, hoje, no Pratigi ganhou nova nomenclatura: cabo eleitoral, e articulou novas funções, por exemplo, essa pessoa tem que *ter moral*⁵ com um candidato e por via dessa moral o candidato frequente sua casa, principalmente, para comer, como também o nativo o visita no centro de Camamu.

Com base nessas ideias, e seguindo Carneiro (2013), vejo a casa, e principalmente a cozinha, como um local de circulação de informação, de conversas e de aprendizado, esse intermédio se dá pela hospitalidade de quem recebe. Essas conversas que ocorrem dentro das casas, sobretudo enquanto se alimentam na cozinha, como trago neste ensaio, servem de eixo para sustentar os “interesses” da comunidade com relação a “grande política”, que para (Bezerra, 1999) é aquela oficial do estatal e a “pequena política” exercida nas associações, ou seja, a política comunitária. Em termos pratigienses, isso se resume à política. Ambos os agentes inseridos nessas *políticas* querem coisas similares, como: respeito e prestígio. Se retiramos a doença da corrupção na “grande política” o que resta basicamente são os dois interesses pontuados acima, que pressupõe também poder dentro da sua esfera de atuação. Por isso, os pratigienses se inserem nesse “jogo da política”, cedendo o lar para candidatos e seus representantes e, assim, ambos angariam relações de respeito e interesses coletivos e individuais.

Sobre o que Carneiro (2013) pontuou em sua etnográfica com o povo dos buracos (MG), que a cozinha é marcada pela circulação de informação e, lógico, que esse local no Pratigi criou intersecção com base nas políticas. A saber, Valentina Barros, que tinha a função de tomar conta da igreja, era neta de Maria dos Santos, filha de Anjo Barros e Santa Matildes e sobrinha de Faustino Barros, que para Barros (2021) foram os fundadores do Pratigi. Valentina foi a líder que inaugurou no Pratigi o jogo político a partir da cozinha.

Por se tratar de uma mulher respeitada na comunidade, filha dos fundadores, os políticos profissionais perceberam que ir à casa de Valentina, após missa, rendia-lhes

⁵ Explicarei os conceitos nativos: *ter moral*, *sério*, *respeitada* e *prestígio* na subseção abaixo intitulada de: A política e suas categorias: um caso do Pratigi. essas categorias são essenciais para entender o *fazer política* no quilombo

prestígio perante a comunidade e Valentina percebeu que os levar em sua residência surtia o mesmo efeito. Esse ponto inaugura, no Pratigi, o que chamo de a política público privada. Pois, tudo começa na igreja, local público e consolida nas residências à base da comida e das conversas. Esse tipo de “política” não se estanca somente em respeitos e prestígio individuais, se expande para algo mais amplo que são os interesses coletivos. Conforme a presente pesquisa, essas relações renderam, entre outras coisas, ao Pratigi a construção da escola e chegada da luz elétrica, nos anos de 1990⁶.

Esses povos como coloca Santos (2015, p.02) após “memória histórica junto com a dimensão do presente”, ou seja, há uma memória muito nítida o quanto os políticos, desde do sistema colonial à república, são más. Então, os pratigienses sabem como é de extrema importância eles manterem certas relações políticas com a política partidária, a falta dessa articulação pode levá-los de volta ao sistema chamado, hoje, análogo a escravidão com a perda das suas terras, logo, eu qualifico o *fazer política* no Pratigi, seja na cozinha, via a comida uma luta de extrema importância pela defesa das suas terras e território.

Em se tratando de comida e cozinha, automaticamente nós pratigienses associamos essas palavras às mulheres; quando se fala em partidarismo político pensamos nos homens. A pergunta é: por que a sociedade mostra pistas contra a politização da mulher da zona rural, acusando-as de não saberem lidar com essa política partidária? Heredia e Palmeiras (2010) argumentam que essa política é pensada de um ponto onde as mulheres são excluídas, mas elas sempre arrumam jeito de estar presente nesse processo social que é a política, como elas fazem isso? Falando quando estão em certos locais à vontade, por exemplo dentro de suas casas ou nas casas vizinhas, sobretudo, com outras mulheres.

Portanto, proponho rever essa relação entre a política, a cozinha e a comida para entendermos melhor o porquê essas e esses quilombolas reproduzem esse *fazer política* de geração a geração sempre se adaptando a seu tempo, através sobretudo, a meu ver, da memória coletiva. Para tal investigação divide o presente texto em três partes. A primeira, escrevo sobre as categorias nativas, que dão sentido ao *fazer política* no quilombo do Pratigi. Na segunda subseção, mostro como a memória e a política nos

⁶ Essa ideia estou defendendo na minha tese de doutorado. Portanto, a meu ver, toda memória e narrativa que perpassa dentro da comunidade ele serve de base para defender a terra e o território.

anos 2000 a 2010, se relacionam, propondo que isso é fruto de uma memória geracional, e na terceira parte, elaboro, com base nas impressões de um “pesquisador nativo”, como houve algumas continuidades no fazer política a partir das relações adotadas durante esses anos. Na última parte do texto, retomo algumas questões e tento colocar algumas conclusões.

FAZER POLÍTICA: UMA BREVE EXPOSIÇÃO DAS CATEGORIAS NATIVAS DO PRATIGI

Aqui trago algumas categorias que serviram para entender como os pratigiense encaram as relações entre a política partidária e a política comunitária e, como eles fazem essa conexão. Para isso, os pratigienses se utilizam de uma série de conceitos que se tornam categorias nativa. A saber, começaremos por ser *sério e respeitado*⁷, pressupõe ser casado, não estar habitualmente em festas, não ocorrer conversas paralelas com seus nomes na comunidade corriqueiramente, respeitar as mulheres, as crianças, os mais velhos e ser trabalhador perante os olhos da comunidade. Isso faz a pessoa *ter moral* na política e com os políticos. Para ele afirmar a moral com os políticos, também fazem um certo “jogo”, como, convidar o candidato para ir à sua residência, geralmente, para almoçar, e também, ele vai à casa do candidato na sede camamuense, e geralmente, leva presentes como guaiamuns, camarão, caranguejos. Todo esse processo tem o objetivo de ambos ganharem *respeito e prestígio*, perante os olhos da comunidade.

O *respeito* na comunidade quilombola do Pratigi está atrelado ao inanimado ao sensível. Com o sensível, é necessário ouvir, entender e não os tratar com maldade e, no caso do inanimado, tem que olhar e ouvir o que os mais velhos falam e fazem, e não tocar a menos que os mais velhos assim o façam. Entender essas nuances a pessoa tem *prestígio* dentro da comunidade, por isso eu digo, é necessário obter primeiro o *respeito* para em seguida o *prestígio*. É uma das formas de *respeito* no Pratigi, por exemplo, fazer o convidado se sentir bem em suas casas, mas o convidado também tem que ser uma pessoa que demonstre respeito por sua casa. Essa é uma das características,

⁷ Essa pesquisa é antropológica e, certas categorias postas aqui são o modo e o jeito desse povo ler e se comportar no mundo social, político e religioso.

colocando na linguagem política pratigiense de *bom político*. Todas as relações que narrarei aqui nesse texto se configuram no fazer política. É o que Carneiro chamou, em estudo dos Povos do Buraco em Minas Gerais, de Sistema de um povo, “aquilo que define um povo, uma família e pessoa” (Carneiro, 2015, p.94), e “isso na linguagem acadêmica seria colocado como ‘sistema social’” (Carneiro, 2015, p.95) de um povo. Logo, esse é o sistema de fazer política dos pratigienses.

NA CASA DO MEU PAI: A POLÍTICA E A COMIDA NOS ANOS 2000

Os quilombolas da comunidade do Pratigi desde de sua fundação⁸ – Há mais de um século mantiveram certas relações políticas com os *de fora*. Nesta seção vou me ater às relações políticas da década de 2000, feitas entre Zequinha e os Barros, dando ênfase a Antônio Barros e Maria Raimunda Luz, meus Pais. Nos anos 2000, me lembro que em momentos festivos, ou épocas das campanhas eleitorais municipais, sempre contávamos com a presença de Zequinha da Mata, homem gordo, média estatura, branco e bigodudo. Quando ele chegava na comunidade, a primeira coisa que ele fazia era se deslocar para igreja católica, ir para a missa. Após a missa, como todos sabíamos, ele ia, geralmente, para a casa da tia Valentina. Essa mulher era quem, na época, tomava conta da igreja. Lá ele almoçava, comia, bebia e, conseqüentemente, conversavam sobre problemas pessoais e da comunidade, penso eu.

Após essa visita à casa de Valentina, ou às vezes antes, outros pratigienses ficavam nas suas casas em uma espécie de espera para conversar com Zequinha em particular. Valentina foi uma das primeiras mulheres, seja na época da ditadura civil-militar do Brasil ou na redemocratização brasileira, a trazer a política da igreja para casa para a sua casa, o que vejo como uma espécie de política pública-privada, e se constitui um *fazer política* característico da comunidade do Pratigi e, executado, principalmente pelas mulheres.

Quando o político chega na casa dessas mulheres, o esposo e filhos já estão à espera para conversar sobre diversos assuntos, desde empregos à infraestrutura local.

⁸ A comunidade quilombola do Pratigi foi fundada em 1908 pela família Barros. Os fundadores foram: Maria dos Santos Faustino Barros, Anjo Barros e sua esposa Santa M. Barros. Eles fundaram essa comunidade após um longo processo de caminhada, expulsão e mortes no litoral Sul da Bahia. Mais informações ver a dissertação de Barros (2021) que está na bibliografia.

Nesse momento, ocorre o encontro entre a “grande política” representada pelo político partidário e a “pequena política” representada pelos e pelas pratigienses. O mais importante a ser notado é que esses encontros ocorrem quase sempre no aconchego da cozinha, com todos e todas bebendo e comendo, isso é *fazer política* no Pratigi.

Trazendo essa narrativa pra o aconchego do meu lar da década de 2000, lhes falo que Zequinha ao chegar na minha casa ia direto para cozinha, lá geralmente, meu pai Antônio Barros servia para ele e a comitiva licor de jenipapo, conhaque ou café. Geralmente esta comitiva era formada pelos secretários e parte da sua família: irmã, sobrinhas, primas, etc. O objetivo desses políticos irem com muitos representantes do poder público local e familiares para as comunidades é mostrar que tem respeito e prestígio fora da comunidade, e muitos dos seus secretários e parentes utilizam da sua presença e prestígio na comunidade para conversar com as famílias locais para se projetar na política partidária.

Lembro que minha mãe Maria Raimunda ficava ali sempre para, aparentemente, apenas auxiliar nas tarefas, como: pegar uma água, um café, mas também lembrar certos pedidos ou reclamações esquecidas ou completar certas demandas. Isso, às vezes, dava a impressão de que meu pai também estava ali para completar certas conversas que minha mãe iniciava, porque mesmo com as poucas palavras proferidas por ela, Zequinha lhe dava uma certa atenção e, assim, meu pai era forçado a seguir, em certos momentos, por outra linha de raciocínio relacionado ao que minha mãe falava.

Ao chegar na cozinha, Zequinha em especial tinha uma marca, que é consagrada até hoje no Pratigi. Ele tinha “a fama de comer de tudo e não se *julgava*”. Muitas vezes, eu o presenciei ir até o fumeiro da minha casa e comer os alimentos que estavam sendo defumados, como peixes e carnes, todos vindos da pesca com redinhas: dentões, avoadores, carapebas, entre outros, e as carnes que ali estavam expostas provindas de caça, como: tatus, pacas, quatis etc., mas também, às vezes, tinha carnes suína e bovina. O fumeiro é uma base de madeira entrelaçada com arame que fica acima do fogão a lenha e, ali as pessoas colocam peixe e carne para defumar através do calor e da fumaça. Esses fumeiros, na época tinha grande serventia, porque era através dele, visto que poucas pessoas tinham condições econômicas para ter uma geladeira, que se conservava os alimentos, hoje essa tecnologia na comunidade é tida como atrasada e não moderna.

Todos os alimentos citados acima ele comia, às vezes, ele mesmo pegava o peixe ou a carne do fumeiro, além de destampar as panelas, e ele mesmo se servia do que as pessoas tinham disponíveis para sua alimentação naquele momento. Isso não o qualificava perante a comunidade como desrespeitoso, mas sim, lhe garantia admiração e respeito. Por esse jeito de se comportar, achavam ele um “*prefeito camarada*”, *não se julgava* e nem tinha nojo das casas: comia de tudo, isso lhe rendia respeito. Essas são algumas qualidades de um “*bom político*” no Pratigi.

Durante as conversas na casa do meu pai, eu o ouvia dizendo a Zequinha que ele e a família estavam com o candidato, mas que Zequinha “olhasse para ele”. Tentarei replicar o que lembro em um dos episódios. No momento da despedida, meu pai apertou a mão e bateu nas costas de Zequinha e disse o seguinte em forma de graça “Tamo conversando, né? Não se esqueça de mim, o meu voto vai ser seu, não suma não e quando você ganhar vou na sua casa”. Isso são palavras de confiança e recíproca, que mobiliza o *respeito*, e conseqüentemente o *prestígio* no Pratigi, se quebrada, esses dois adjetivos são retirados de quem os quebrou.

Meu pai sempre votou em Zequinha, apesar desse candidato representar a direita na região. Como coloca Chaves (2003) e Perutti (2015), de certa forma, no interior a política é feita através de pontos personalistas, das famílias, das amizades, etc. Por esse viés, um certo dia, minha mãe teve que passar por um processo cirúrgico, então meu pai foi falar com Zequinha, o então prefeito de Camamu. Nesse momento, Zequinha facilitou certas brechas dentro da burocracia do poder público, como, a marcação de médico para solicitação de exames pré-cirurgia e pós-cirurgia, liberou o carro particular dele e o motorista da prefeitura para ir buscar minha mãe na cidade em que foi feita a cirurgia, Valença-BA, situada em torno de 70 quilômetros de Camamu. Depois desse fato, meu pai falava que Zequinha era bom prefeito, que cuidou bem da sua esposa, que deu carro e motorista.

Lembro de meu pai falando para algumas pessoas que Zequinha era um bom prefeito porque, se a pessoa o tratasse bem, votasse nele e *honrasse com a palavra*, *ele ajudava*, que ele deu um carro e o seu motorista particular para ir buscar a mulher após fazer a cirurgia. No final, ele sempre pergunta ao interlocutor: que prefeito faz isso?

Hoje sabemos que todo esse processo foi bancado pelo Estado, ou seja, se no coronelismo, segundo Leal (2012), os coronéis, teoricamente falidos, mas com

influência porque tinha terras, se aproveitavam do poder público para se manterem politicamente, economicamente e socialmente, no caso de Zequinha, ele utilizava a estrutura do estado para manter o prestígio e o respeito e, assim, ganhar os votos das pessoas na comunidade.

Agora, descreverei como essas políticas foram traçadas a partir dos anos de 2010. Nesse momento eu já havia saído da comunidade para estudar e, somente quando voltei para fazer pesquisa de mestrado, 2019 a 2020, já, de certa forma, treinado nas reflexões antropológica percebi certas continuidades no *fazer política* do Pratigi, pelo viés dos novos atores sociais, como veremos a seguir.

A POLÍTICA NO PRATIGI ENTRE OS ANOS DE 2010 A 2020

No final dos anos de 2010, surgiu uma outra liderança política no município de Camamu de nome Ioná Queiroz. Aqui é necessário traçar um breve contexto da época para entender a chegada dela ao poder municipal de Camamu. Essa liderança surge, assim como várias outras no território do Baixo Sul, influenciada pelos mandatos, entre 2002 a 2010, do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), à frente do executivo brasileiro. Aliás, nas cidades vizinhas, como Ituberá, Maráu, Itacaré, entre outras, mesmo os candidatos a prefeita ou prefeito que não eram filiados ao PT usaram a imagem de Lula na campanha eleitoral.

Ioná Queiroz vem de uma das famílias tradicionais do município de Camamu, os Queiroz. Os pais dela eram donos de uma empresa que fabricava café em Camamu. Com base nessa situação econômica saiu de Camamu ainda jovem para Salvador, a capital baiana e lá se formou em economia, e logo em seguida, começou a trabalhar na Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR, uma autarquia ligada ao governo do Estado da Bahia, a partir dessa estadia em Salvador, ela começou a construir relações com pessoas ligadas aos políticos que estavam no poder no estado da Bahia. Isso se intensifica mais a partir de 2006 quando Jaques Wagner (PT) desbanca o carlismo, ganhando de Paulo Souto e se tornando governador do estado da Bahia. Foi

através dessas confluências de fatos históricos, e de relações política, que Ioná Queiroz chegou à prefeitura de Camamu, em 2008 e, depois em 2012⁹.

Antes dela chegar ao poder executivo camamuense, teve que tecer certas relações de base nas comunidades, e uma delas é a escolha dos cabos eleitorais. A escolha do cabo é influenciada pelo tipo de relação entre a pessoa interessado e o político profissional, avisto disso, o cabo tem que ter algumas qualidades, como ser *respeitado* e, sobretudo, “ser conhecido”, ou seja, ter boas relações de amizade na região e, nesse ponto, Ioná escolheu bem. Escolheu um homem chamado Valnei, filho de Valentina Barros, neto dos fundadores do Pratigi, Anjo Barros e Santa Barros e, portanto, meu primo. Valnei é um homem muito querido no Pratigi, tem boas relações de amizade, seja no centro de Camamu, no centro do Pratigi ou na região da comunidade.

A relação com Valnei foi traçada da seguinte forma: os outros candidatos já tinham seus representantes dentro da comunidade, mas Ioná vinha chegando no município com a sua primeira candidatura e, Valnei também estava regressando da sua longa estadia no Rio de Janeiro. Então ele foi conversar com a candidata, por intermédio de Nite, um cabo eleitoral da região. Nessa conversa, Valnei expôs o que ele queria e ela também assim o fez¹⁰. Logo, entraram em acordo e ele se tornou cabo eleitoral da campanha de Ioná na comunidade, em 2008.

Na época em que cheguei para fazer a pesquisa, de 2019 a 2020, Valnei já estava oficializado como cabo eleitoral dela na comunidade. Em uma das nossas conversas, ele me falou que para ser um bom cabo eleitoral tem *que ter moral com o prefeito*, ou seja, para articular a política na comunidade ele tem que *ter confiança* na prefeita (o) e o político nele. Mas essa *moral* vai além disso, por exemplo, quando uma pessoa (nativa) quer fazer relações com algum político, existe um processo que é o oposto do que ocorria nos anos 2000, quando o político chegava e comia os alimentos do fumeiro.

Hoje a estratégia são relações de visitas, tanto o candidato vai na casa do cabo eleitoral na comunidade, quanto o cabo vai na casa do prefeito na sede do

9 Para entender melhor esse processo em Camamu-BA, ler a dissertação de: Barros (2021) disponível na bibliografia abaixo.

10 Extrair essa conversa do interlocutor é muito difícil devido esses acertos serem de interesses, na maioria das vezes, próprio, por exemplo: acertos de cargos, essas coisas que ninguém quer expor. Portanto, não tenho muitos detalhes.

município, a diferença nessas visitas é que somente o aspirante a cabo leva presentes, que podem ser frutos do mar ou raízes, coisas da comunidade.

Esse processo, ocorre da seguinte forma: no dia estipulado, o prefeito ou candidato (a) chega a comunidade e vai direto para a casa da pessoa que o convidou, geralmente, chefes de família. Conforme descrevem Heredia e Palmeira (2010, p. 11) sobre outras localidades no interior do Brasil, no Pratigi também isso produz “prestígio aos olhos da comunidade, gerando uma certa disputa entre os pais de família, que contabilizam o número de visita de candidatos recebido”. Por outro lado, a visita também atribui prestígio ao político, visto que está sendo recebido na comunidade por uma pessoa, geralmente *amiga e bem aceita* por todos naquela região. Essa comitiva chega na casa de um pratigiense, come galinha terra, raízes, camarão, guaiamum e ainda bebem cerveja.

Antes, na época dos meus pais, Antônio e Maria, os candidatos iam às casas e conversavam com as famílias e lá ocorria os acordos de apoio, mas a partir de 2010 os candidatos e candidatas começaram com a ideia de colocar um representante dentro da comunidade. Esse representante, geralmente, será o administrador da comunidade, e será quem organizará a principal festa profana da localidade. Observo que essa figura de cabo eleitoral, no Pratigi, só começa a aparecer a partir de 2010 com a chegada de novos atores sociais na comunidade e na política partidária local. Antes, não se chamava cabo eleitoral, mas sim, apoiador de tal candidato, dizia-se, Antônio é apoiador de Zequinha, sicrano de beltrano e aí por diante. Desse modo, ia fazendo a contabilidade de votos na comunidade, como pontua Heredia e Palmeira (2010) nos seus estudos. Isso configura-se nas continuidades de *fazer política* na comunidade do Pratigi.

CONCLUSÃO

Analisar o espaço social da cozinha a partir desses dois recortes temporais, 2000 a 2010 e 2010 a 2020, foi fundamental para entender os tipos de relações no *fazer política* na comunidade, uma vez que as continuidades e diferenças na política só se faz visível através do tempo. Essa continuidade e mudança na política foram se modificando na medida que novos atores sociais foram se envolvendo na política da comunidade, mas as estruturas de como fazer permaneceram.

Fica evidente que há uma relação da memória e política envolvida nesse processo. Vemos isso, quando Valentina inova o jeito de *fazer política* levando os candidatos ao executivo e legislativo local para sua casa, inaugurando a política - público privado e, em seguida seu filho da continuidade dessa mesma forma de *fazer política*, mas com algumas continuidades, por exemplo, indo visitar o candidato na sede, levar presente, oferecer outras comidas, isso que chamo de continuidade e diferença na política do Pratigi, visto que nem Valentina, e nem Antônio Barros faziam isso.

Nesse processo, alguém de *fora* pode imaginar que as relações políticas foram modificadas no quilombo, porque ocorreram outros processos, como, a redistribuição de renda, a exemplo do bolsa família, Seguro defeso da Pesca Artesanal, maior inserção de pessoas na Aposentadoria Rural, como também, acesso ao trabalho e a renda, além disso, a volta de alguns nativos das grandes cidades brasileiras trazendo com eles outras visões de mundo. Isso poderia até ser um apontamento para uma das possíveis causas das continuidades do *fazer política* nessas duas décadas na comunidade quilombola do Pratigi. Mas não foi.

A política no Pratigi está atrelada a dois pontos factuais, um como lastro - a memória, e outro, suas consequências - a luta pela terra e território. Chamo a memória de lastro, porque, através dela a política se reformula ano após anos. Vemos nessas duas décadas de estudo, a continuidade no *fazer política* no Pratigi, mas, a estrutura no jeito de *fazer política* de Antônio, de Valentina e de Valnei permanecem as mesmas. Essa é uma das formas de a memória operar, ou seja, ela dá subsídios dos acontecimentos passado aos atores sociais de um grupo a agirem de certa forma perante um problema social no presente, ou seja, as narrativas do passado fazem sentido no presente.

Consequentemente, esse subsídio tem o objetivo de defender a terra e o território do Pratigi, por isso, digo que a política está intrínseca à memória no Pratigi, porque, assim como foi feito certos tipos de relações no passado para assegurar a terra até hoje, do mesmo jeito está sendo feita atualmente, por meio de outros atores sociais, que podem ocorrer em outros espaços públicos e/ou privados, mas feito pelos Barros por mais de um século. Com base na narrativa e na memória, os pratigienses adquiriram particularidades diferentes no *fazer política* através da cozinha e da comida, sobretudo, entre os anos de 2000 a 2020. Esses propósitos, a meu ver, são constituidores de

resistência ancestral, e conseqüentemente, levam ao campo da luta pela defesa e manutenção das suas terras e território.

REFERÊNCIAS

BARROS, F.J.L. **Memória, festa de Santo, território e alianças políticas**: Uma etnografia do quilombo do Pratigi (BA). Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), 2021. 188p. Dissertação (Mestrado em Estado e Sociedade). Universidade Federal do Sul da Bahia.

Bezerra, Marcos Otávio. **Em nome das "bases"**: política, favor e dependência pessoal. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

CARNEIRO, Ana. Os rumos da prosa: parentes chegados, primos cunhados. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 44, n. 2, p. 196-215, jul/dez. 2013.

CARNEIRO, Ana. O sistema de mexida de cozinha: de que riem eles? In: COMEFORD, Jhon; CARNEIRO, Ana; DAINESE, Grazielle (Org.) **Giro etnográfico em Minas Gerais**: casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo. Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ, 2015.

CHAVES, Christine de Alencar. **Festas da política**: uma etnografia da modernidade no sertão (Buritis/ MG). Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

CLIFFORD, James. **Experiência Etnográfica**: a Antropologia e Literatura no Século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

FANNONXXXXXXXXXXXXXXXXX

GEERTZ, Cliford. **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: LTC, 1981.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NOVAES, Roberta. Aqui todo mundo é parente: memória, família e distinção em comunidades camponesas no Norte de Minas Gerais. **Estudos, sociedade e agricultura**. V. 30 N. 2, p.2-27, set. 2022.

PALMEIRA, M; HEREDIA, Beatriz, M, de. **Política Ambígua**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2010.

PERUTTI, Daniela. **Tecer amizade, habitar o deserto**: uma etnografia do quilombo dos Magalhães (GO). Universidade de São Paulo (USP), 2015. 266p. Tese (Doutorado Pós-Graduação em Antropologia Social). Universidade de São Paulo (USP).

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombo**: modos e significados. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Civitas**, v. 14, n. 2, p. 272-284, maio-ago. 2014.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VÉRAN, Jean-François. Rio das Rãs. Memória de uma “comunidade remanescente de quilombo”. **Afro-Ásia, Salvador**, n. 23, p. 295-323, 1999.